

O DISCURSO DA NEGRITUDE PRESENTE NOS TEXTOS DAS “BLOGUEIRAS NEGRAS”: UMA ANÁLISE DE INSPIRAÇÃO GENEALÓGICA

Viviane Inês Weschenfelder¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Introdução

Quanto àqueles para quem esforçar-se, começar e recomeçar, experimentar, enganar-se, retomar tudo de cima para baixo e ainda encontrar meios de hesitar a cada passo, àqueles para quem, em suma, trabalhar mantendo-se em reserva e inquietação equivale a demissão, pois bem, é evidente que não somos do mesmo planeta. (FOUCAULT, 2014, p. 12).

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns textos publicados por mulheres autodeclaradas negras em um blog chamado “Blogueiras Negras”. Ao mostrar como esses escritos abordam a temática da negritude, considero importante colocar em tensionamento algumas recorrências e historicizá-las, com vistas a compreender quais condições de possibilidade dão suporte ao fortalecimento das narrativas identitárias negras e para a produção de novas subjetividades. A intenção, portanto, é realizar um movimento de problematização não apenas dos textos das Blogueiras Negras, mas pensar como o espaço da negritude vem produzindo um novo regime de verdades sobre o negro no Brasil contemporâneo e criando novas possibilidades no campo das relações entre brancos e negros. Tomo como inspiradoras as palavras do filósofo Michel Foucault (2014), acima citadas, por duas razões: a primeira é por esse texto estar alicerçado na perspectiva pós-estruturalista, em que articulo os Estudos Étnico-Raciais com os Estudos Foucaultianos como modo estratégico de olhar para a temática; a segunda é por estar engajada num processo de investigação que é instável e provisório, sem qualquer pretensão de entender essa análise como algo definitivo. Em certa medida, essa provisoriedade justifica-se por fazer parte de uma pesquisa em andamento, onde os conceitos são tomados como ferramentas e colocadas em experimentação.

¹ Licenciada em História pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, mestre e doutoranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista da CAPES. E-mail: vivianeweschenfelder@gmail.com

Falar de condições de possibilidade para a emergência de determinado discurso implica situar a História² como um campo discursivo, relacionando-a de certos modos com o passado, com os documentos, com o tempo. Coloco-me ao lado de Albuquerque Jr. (2007) ao entender a História como uma invenção e o saber histórico como aquele que por excelência exerce a arte de inventar o passado. Com isso, dou as costas à busca por qualquer origem, à verdade em si mesma, ou ao entedimento de uma história evolutiva. Guimarães (2007, p. 15) lembra que “nosso trabalho como historiadores encontra-se desde o seu começo marcado por essa tensão constitutiva: entre uma escrita que busca ordenar, submeter a uma gramática e a uma sintaxe aquilo que por natureza é movediço, sinuoso, tortuoso e corrosivo”. Por essas razões, esse texto inspira-se na perspectiva genealógica de análise, da forma como Foucault desenvolveu suas pesquisas históricas, dando voz às discontinuidades e à produção das diversas verdades que o Ocidente possibilitou no decorrer do tempo. A genealogia trata, portanto, da busca e da análise da proveniência. Ela “permite reencontrar, sob o aspecto único de uma característica ou de um conceito, a proliferação dos acontecimentos através dos quais (graças aos quais, contra os quais) eles se formaram”. (FOUCAULT, 2003, p. 265).

Para buscar a proveniência, parto das enunciações presentes nos textos das Blogueiras Negras. Foram selecionados 36 textos publicados no ano de 2014, privilegiando aqueles em que mulheres negras narram suas experiências com a negritude e mostram como dão significados às suas práticas de enfrentamento ao racismo. Os primeiros materiais disponíveis no blog são de março de 2013, e podem ser consultados por mês e por categorias, divididas por palavras-chave, que somam 44 opções. Há uma política de organização do blog, chamado de “Manual da Blogueira Negra”, com orientações sobre o que escrever, como escrever e quem pode publicar. É importante registrar que o blog é um espaço exclusivo para mulheres negras e há uma diversidade de autoras com diferentes profissões, faixas etárias e orientações sexuais, além de residirem em diferentes estados do Brasil. Essa diversidade não impede, no entanto, que possamos criar um “perfil comum” das mulheres negras, especialmente com relação a sua participação política.

Considerar a negritude como um discurso é uma opção provisória e de certo modo restrita aos textos aqui analisados. Aprofundar os estudos sobre a temática tem possibilitado entendê-la como um espaço constituído por diferentes discursos, o que contribui para tomá-lo

² Utilizo História com letra maiúscula para demarcar a área do conhecimento e não por acreditar que existe uma única narrativa histórica possível.

como um dispositivo. Discutirei essas questões na primeira seção do trabalho. Na segunda seção, apresento uma análise de alguns excertos escritos pelas Blogueiras Negras e procuro mostrar quando e como surgem as condições para que estas falas adquiram tanta força e intensidade na Contemporaneidade. Para isso me apoio no que Domingues (2007) chama de Terceira Fase do Movimento Negro no Brasil. Já na última seção, para finalizar o texto, abordo brevemente sobre os processos de subjetivação vivenciados pelas Blogueiras Negras. A partir do relato de suas histórias pessoais, é possível perceber a produção de novas subjetividades negras e o quanto a relação consigo e com as outras é interessante para buscar compreender o momento em que vivemos.

O espaço da negritude em tensionamento: discurso ou dispositivo?

Negritude: 1) estado ou condição das pessoas da raça negra; 2) ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros e africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura ocidental. (NOVO AURÉLIO apud BERND, 1988, p. 16).

A negritude é um termo francês utilizado pela primeira vez em 1939 pelo poeta antilhano Aimé Césaire. Possuía uma conotação pesada, pois *négre* era um termo usado para ofender o negro. A partir deste uso, a proposição passou a ser a reversão do seu significado, para que negritude pudesse ser utilizado com orgulho pelas comunidades afrodescendentes. Como explicita Domingues (2007), as propostas do movimento da negritude foram trazidas para o Brasil nos anos 1940 pelo Teatro Experimental Negro. Em função da Ditadura Militar, o Movimento Negro nesse período ficou enfraquecido, só retornando no final da década de 1970. Como estratégia de combate ao Mito da Democracia Racial, a negritude é retomada e passa a ser fortalecida também como movimento identitário. Bernd (1988) propõe o uso do termo negritude de duas formas:

Com n minúsculo (substantivo comum) – é utilizada para referir a tomada de consciência de uma situação de dominação e de discriminação, e a consequente reação pela busca de uma identidade negra. Nesta medida, podemos dizer que houve negritude desde que os primeiros escravos se rebelaram [...]. Com N maiúsculo (substantivo próprio) – refere-se a um momento pontual na trajetória da construção de uma identidade negra, dando-se a conhecer ao mundo como um movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo. (BERND, 1988, p. 20).

Considerando essas discussões importantes, mas também a insuficiência da palavra *negritude* para dar conta de sua complexidade, faço uso da expressão *espaço da negritude*, sugerida por Gadea (2013). Para esse autor,

assumir a negritude como “espaço” representa compreender, fundamentalmente, que toda e qualquer identificação racial tem a sua performance atravessada por movimentos de filiação e oscilação segundo os interesses práticos e as condições de que partem os grupos implicados numa relação racial, e social em geral. (GADEA, 2013, p. 23).

O *espaço da negritude*, portanto, pretende abarcar as tensões presentes nas relações étnico-raciais, nas narrativas assumidas pelos indivíduos que se reconhecem como negros, nas dinâmicas presentes nas práticas discriminatórias e nas políticas antirracismo, todos movimentos que se delineiam no Brasil contemporâneo. (GADEA, 2013). Em que pese a negritude seja aqui tomada como um discurso, ela é atravessada por diferentes campos discursivos que exercem força sobre esse espaço, articulando relatos e produzindo subjetividades nos sujeitos negros. Foucault (1988, p. 96) adverte que “é preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta”. Sendo “aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009, p. 10), o discurso é composto por enunciados, tipos específicos de atos discursivos que assumem determinados sentidos e operam como se fossem verdades, isto é, estabelecem um regime de verdade em determinado tempo e espaço. (VEIGA-NETO, 2007).

Para esta análise, procuro articular as noções conceituais de discurso, genealogia e subjetivação, o que implica em considerar os três eixos ou domínios da obra de Foucault: o saber, o poder e a ética. Sigo as orientações de Castro (2009, p. 117), quando afirma que “desde um ponto de vista metodológico, é necessário abordar a questão do discurso em relação à arqueologia, à genealogia e à ética”. O que procuro, nesse sentido, é mostrar que os discursos não só constituem os sujeitos, mas são produzidos e postos em circulação por eles, abrindo sempre possibilidades de novas e diferentes articulações discursivas. Os discursos são construções históricas e a negritude, vista como discurso, se manifesta pela linguagem e pelas relações de poder que exercem força na direção de interpelar os sujeitos e conduzir suas condutas. Assumir a negritude, ser mulher negra com uma moral específica, nesse caso, é fruto da potência que o discurso da negritude assume.

Se por um lado, o Blogueiras Negras coloca em visibilidade um discurso político e identitário e produz um jeito de ser mulher negra: lutadora, (auto)valorizada, consciente, politicamente ativa; por outro lado, em outros locais a negritude assume diferentes configurações. No interior das escolas, nos meios de comunicação, nos embates jurídicos, no terreno das políticas afirmativas e em tantos outros segmentos da vida social, outros discursos circulam e dão formas ao *espaço da negritude*. O que vemos é um alargamento desse conceito, justamente para tentar dar conta de um conjunto cada vez mais complexo e heterogêneo de elementos. É por essa razão que defendo a possibilidade de entender a negritude também como um dispositivo. Para Foucault (2000, p. 244) o dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas”. Estão presentes no dispositivo as práticas discursivas e as não-discursivas, bem como a relação entre elas. Deleuze nos auxilia nesse entendimento:

Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multilinear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. [...] Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. (DELEUZE, 1990, p. 155).

Trabalhar com o conceito de dispositivo para entender a negritude na Contemporaneidade torna-se interessante na medida em que consideramos o conjunto de mudanças ocorridas no Brasil a partir da década de 1970, especialmente com relação à população negra. Um dos primeiros movimentos nessa direção foi a publicação de estudos que permitiram reconhecer a existência do racismo no Brasil, por décadas diretamente associado apenas à questão de classe. Exemplo disso é a pesquisa desenvolvida por Hasenbalg (2005). Em 1978, a articulação do Movimento Negro Unificado foi um passo importantíssimo no rumo da luta antirracismo, assumindo um caráter internacional e alicerçado na esquerda marxista, passou a receber apoios de vários estados e da imprensa negra. (DOMINGUES, 2007). No entanto, é somente na década de 1990, após a Conferência de Durban³, que o então

³ Refiro-me à Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e às Formas Correlatas de Intolerância, realizada em Durban, na África do Sul, em 2001. Essa conferência produziu efeitos

presidente Fernando Henrique Cardoso reconheceu o Brasil como um país racista e assumiu a necessidade de políticas afirmativas voltadas à população negra no Brasil. (GUIMARÃES, 2008).

As políticas de ação afirmativa podem ser vistas como formas de discriminação positiva. (CASTEL, 2008). De acordo com o autor (CASTEL, 2008, p. 14), “pode ser útil, ou até indispensável, tomar como alvo as populações marcadas por uma diferença que para elas é uma desvantagem, visando reduzir ou anular essa diferença”. No caso do Brasil, as pesquisas apontam as disparidades econômicas e sociais quando se trata da população negra, o que justifica a importância de ações específicas para esse contingente. (IPEA, 2014). As políticas afirmativas só se tornam ações concretas a partir de 2000, no governo Lula⁴. Além da criação da Secretaria Especial da Promoção da Igualdade Racial – SEPIR, tivemos a implantação da política de cotas para negros nas universidades (hoje regulamentada pela Lei nº. 12.711 de 2012) e a inclusão do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino do país (Lei nº. 10.639 de 2003). Em 2010, por fim, tivemos a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial, importante documento que regulamenta ações sistemáticas em relação à população negra.

Como podemos verificar, foram importantes avanços no campo da negritude brasileira, especialmente no que se refere à consolidação de políticas públicas, resultado de décadas de articulação e luta da população negra. Obviamente, esses avanços não ocorrem sem a existência de conflitos e descontinuidades. Temos embates no campo das significações, colocando sob rasura alguns termos comumente utilizados, como o moreno, e ressignificando os termos raça e negro. A raça passou a ser entendida “como uma construção social, histórica e cultural” (SCHWARCZ, 2012, p. 34) e o termo negro assume um significado positivo, sendo o termo politicamente mais adequado para referir-se aos afrodescendentes no Brasil.⁵ Segundo Domingues (2007, p. 100-101):

Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação.

importantes em diversos países, pois foram exigidos posicionamentos dos governos com relação ao racismo e as demais formas de discriminação.

⁴ O governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve a duração de dois mandatos: 2003-2006, 2007-2010.

⁵ Essas questões são melhor discutidas em Weschenfelder (2015).

É preciso estar ciente que as questões que envolvem a negritude estão em constante movimento, e a cada dia soma-se novos elementos ou modificam-se os fios que tecem os discursos que atravessam esse campo. Também por essa razão, considero as teorizações foucaultianas chaves de leitura para entender o presente. Como explicita Marcello (2004, p. 211), “ao trabalharmos com o conceito de “dispositivo”, não estaremos lidando com uma estrutura fechada, organizada, cujos elementos em jogo estão previamente dados, mas, antes, com aquilo que é da ordem do imprevisível, da ordem da criação: o acontecimento”. A seguir, apresento uma análise de inspiração genealógica de alguns textos publicados no Blogueiras Negras, abrindo e colocando em suspensão um dos discursos que compõem a negritude, aquele que politiza e que convoca o sujeito a ser negro de um determinado modo. Para esta análise, selecionei textos em que as autoras falam de si, compartilhando com outras mulheres negras (geralmente a quem os textos são endereçados) e demais leitores intensas narrativas de suas vidas, suas experiências com a negritude e suas transformações após tornarem-se “mulheres pretas”.

“Sou Negra! Sou Preta!”: condições históricas para o fortalecimento da negritude

Quero as mulheres pretas na luta, olhando seu reflexo e dizendo: SOU PRETA! Não houve nada mais libertador na minha vida do que sentir-me e reconhecer-me: nem morena, nem mulata: SOU NEGRA!^{6 7}

O primeiro excerto é um exemplo de relato recorrente entre os textos postados no blog, em que mulheres negras abordam diferentes assuntos recorrendo às suas experiências pessoais. São textos muito significativos, carregados de sentimentos, escritos com o objetivo de sensibilizar o leitor, especialmente as mulheres negras, público-alvo do blog. Ao se expressarem, as mulheres negras (re)afirmam suas identidades e produzem formas de se conduzirem diante das situações cotidianas, seja com relação ao corpo, à sexualidade, ao gênero e à negritude, tudo isso por meio de uma atuação política frente aos dilemas do

⁶ Para diferenciar os excertos do material analisado com as citações dos autores, os colocarei em itálico e fonte 11. Além disso, como o “Blogueiras Negras” é um espaço público em que as autoras são identificadas inclusive com perfil, os excertos serão acompanhados do nome completo da blogueira e do link de seus textos. Essa é uma opção política que vai ao encontro tanto do escopo do blog quanto do meu posicionamento enquanto estudiosa da temática, que procura não “dar a voz”, mas mostrar a potência desses textos e “dessa voz” para a construção de uma outra história brasileira, em que as mulheres negras sejam reconhecidas como personagens fundamentais e sujeitos de sua própria trajetória.

⁷ Texto escrito por Luma de Lima Oliveira, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/16/caminhos-de-resistencia-reconhecer-se-negra/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

racismo e do sexismo. A escrita, neste sentido, é entendida como prática que permite, ao mesmo tempo, o duplo movimento de objetivação e subjetivação. Ao tratar sobre a escrita de si, Foucault chamou a atenção para o ato de escrever, descrevendo-o como um exercício, um trabalho sobre si mesmo que, ao mesmo tempo em que aproxima o outro, é também um gesto de exposição, no qual estão implicadas verdades que constituem aquele sujeito (FOUCAULT, 2004).

Os textos publicados permitem uma leitura bastante privilegiada dos caminhos que vêm sendo percorridos tanto pelo movimento negro como pelo movimento feminista, em especial o feminismo negro. Por isso, entendo que esse espaço caracteriza-se ao mesmo tempo como educativo, político e de resistência. Entre as questões comumente abordadas nos textos, está presente a crítica à mestiçagem, como podemos ver nos excertos a seguir:

*Meu pai é negro, minha mãe nasceu com a pele branca [...]. Eu sou negra de pele mais clara, mas na minha infância nunca consegui entender exatamente de que lado eu estava. [...] invejava e desejava ser como as crianças pretas que eu via brincando [...] Me via pela metade. [...] Olho quase todos os dias para meu rosto no espelho, ou para fotos antigas, procurando os traços que comprovam a minha negritude. Vejo fotos de mulheres negras e me comparo, buscando nelas, minhas próprias características.*⁸

*Até os meus 13 anos eu vivia letárgica: a ideia de ser negra; não era parte da minha identidade, afinal eu não era negra, era morena como ouvira tantas vezes. Melhor do que isso, era uma morena linda com traços de branca, morena jambo. Certamente o racismo me incomodava mas via aquilo como algo que acontecia com terceiros, não em gente como eu. Era confortável viver ali, não me identificando com a luta e as dores que o nosso povo tem.*⁹

Em muitos textos, as Blogueiras relatam que foram educadas para se perceberem como mulatas, mestiças, morenas, mas nunca como negras ou pretas. Isso é tomado por elas como algo extremamente ruim, como uma negação de um direito de afirmar sua descendência africana. A crítica à mestiçagem está presente também nas produções acadêmicas e, de modo geral, em toda as mobilizações negras, que denunciam o discurso da democracia racial e seus efeitos perversos para a população afro-descendente, uma vez que amorteceu qualquer luta antirracista. A blogueira Shirlene sintetiza o que entendeu após ler sobre o tema: *Eis que as*

⁸ Texto escrito por Gabriela Pires, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/01/14/fragmentos-descobrir-se-negra/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

⁹ Texto escrito por Kelly Matias, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/23/e-belo-ser-irma-e-belo-ser-negra/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

respostas chegaram: a denominação de uma pele morena, no Brasil, é usada para camuflar a pertença à raça negra, de ter o sangue negro no corpo. O que precisa ser problematizado, porém, é o quanto essa negação da mestiçagem tem sido vista como uma verdade inquestionável por esses sujeitos, o que contribui para a simplificação de um tema tão complexo em um país continental como o Brasil. Embora a crítica seja importante, não se resolvem os problemas apenas substituindo o termo moreno por negro ou contruindo uma forma binária de entender as relações étnico-raciais. Essas questões fazem parte da conjuntura atual, mas estão diretamente vinculadas às mudanças ocorridas a partir do final da década de 1970, nomeada por Domingues (2007) como a Terceira Fase do Movimento Negro. Segundo o autor,

O movimento negro ainda desenvolveu, nessa terceira fase, uma campanha política contra a mestiçagem, apresentando-a como uma armadilha ideológica alienadora. A avaliação era de que a mestiçagem sempre teria cumprido um papel negativo de diluição da identidade do negro no Brasil. (DOMINGUES, 2007, p. 116).

Na medida em que a mestiçagem é demonizada, ocorre a afirmação da identidade negra. Domingues (2007) também mostra essa afirmação como uma característica da Terceira Fase ao dizer que, “pela primeira vez na história, o movimento negro apregoava como uma de suas palavras de ordem a consigna: ‘negro no poder!’”. (DOMINGUES, 2007, p. 115).

*Quero que um dia as meninas pretas não demorem tanto quanto eu, quero que as meninas pretas se enxerguem em cores, amores e poesia. Quero as mulheres pretas na luta, olhando seu reflexo e dizendo: SOU PRETA!*¹⁰

*Nós, mulheres negras, precisamos assumir um compromisso com todas, porque a vitória de uma preta é nossa vitória, mas a dor de outra preta é nossa dor também. [...] Quando ouvimos, acolhemos, compreendemos e, por consequência, fortalecemos outra preta, estamos operando a maior revolução entre nós: o amor.*¹¹

A afirmação identitária, uma vez sendo necessária para os indivíduos acessarem as políticas afirmativas é interessante para o Estado, que exerce o controle biopolítico da população que governa. Exemplo disso são as reivindicações das diferentes identidades por direitos que atendam a cada um desses segmentos sociais. Assim, as lutas empenhadas por

¹⁰ Texto escrito por Luma de Lima Oliveira, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/16/caminhos-de-resistencia-reconhecer-se-negra/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

¹¹ Texto escrito por Fernanda Sousa, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/03/10/sororidade-negra-lacos-invisiveis/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

negros, indígenas, mulheres, homossexuais tornam-se legítimas e de certo modo apoiadas pelo Estado. O que identifica um grupo, no entanto, são sempre características fixas, o que na maioria das vezes acaba por essencializar as identidades culturais. Wieviorka (2002, p. 87) diz que “quanto mais essa associação é nítida [...], mais a cultura tenderá a ser concebida em termos de estabilidade; trata-se, com efeito, para os que se lhe apegam, de garantir as condições para sua reprodução ou, no limite, da sua sobrevivência, [...] de lhe dar os meios de se desenvolver ou prosperar”. Em uma entrevista cedida em 1982, Foucault concorda que a identidade é útil e importante, mas na medida em que ela é “apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações”. A identidade torna-se problemática quando torna-se “a lei, o princípio, o código de existência”, pois ela sugere que sejamos os mesmos e de certo modo nos aprisiona. (FOUCAULT, 2004, p. 265).

O posicionamento das Blogueiras Negras como mulheres negras ou pretas geralmente está associada à participação destes sujeitos nos movimentos sociais, tanto negro como feminista. Melo e Moita Lopes (2014) apresentam uma análise da narrativa de uma blogueira que relata sua história no blog “Eu, Mulher Preta”. Essa blogueira, da mesma forma que as Blogueiras Negras, associa a sua transformação como mulher negra em um segundo nascimento. Existe um *ponto de virada*, para usar a expressão de Moita Lopes (2002), que faz com que a mulher narre sua história em dois momentos: antes e depois de sua afirmação como negra. Relatos semelhantes apresenta Lima (2014), por meio da análise de entrevistas realizadas com mulheres negras ativistas de São Luis-MA. A autora trabalha com gênero e raça como categorias que se cruzam por meio de marcadores identitários e chama a atenção, da mesma forma que Melo e Moita e Lopes (2014), para o risco da essencialização.

A partir da década de 1980, com a reabertura política e a plena expansão do Movimento Negro Unificado, vemos um apego cada vez maior para elementos africanos e afrobrasileiros. A negritude passa a ser caracterizada pela herança religiosa, pelas cores e vestimentas típicas, e uma cultura passa a ser celebrada. Esse movimento é internacional e tem relação com as lutas descoloniais do continente africano, por isso passou a ser chamado por alguns estudiosos como Afrocentrismo. Segundo Gadea (2013, p. 81-82), “os ‘valores negros africanos’ se relacionam com uma ‘exaltação’ de um suposto passado que procura reverter a narrativa do colonizador, quer dizer, que procura substituir a ‘grandeza branca’ (e a sua civilização) pela ‘grandeza negra’”. Sobre a questão, Domingues também explicita:

O movimento negro organizado “africanizou-se”. A partir daquele instante, as lides contra o racismo tinham como uma das premissas a promoção de uma identidade étnica específica do negro. O discurso tanto da negritude quanto do resgate das raízes ancestrais norteou o comportamento da militância. Houve a incorporação do padrão de beleza, da indumentária e da culinária africana. (p. 116).

Existe, portanto, uma busca pela apropriação do discurso da negritude. Nas falas das Blogueiras Negras, essa busca fica visível por meio do uso do termo “empoderamento negro”.

*Sou o tipo de feminista que não fala sobre suas experiências pessoais publicamente. Seja sobre amor ou sobre dor. Prefiro discutir a partir de teorias, por mais que acredite que a experiência vivida por todas nós é um elemento crucial do processo de empoderamento e precisa ser visibilizado.*¹²

*Creio que este poderoso instrumento político [boneca negra] é aliado estratégico que se traduz em ferramenta potencialmente fortalecedora no processo de construção do empoderamento negro.*¹³

Segundo Baquero (2012), o termo “empoderamento”, do inglês *empowerment*, tornou-se conhecido especialmente a partir das lutas sociais da década de 1960 nos Estados Unidos. Atualmente, é associado às lutas identitárias por direitos civis, como negros, mulheres, homossexuais, mas o mesmo termo foi utilizado no contexto da Reforma Luterana do século XVI. De acordo com a revisão de literatura realizada pela autora (BAQUERO, 2012), o empoderamento pode ser de nível individual, organizacional ou comunitário. Vinculadas a uma luta feminista e racial, as Blogueiras Negras articulam-se com o empoderamento comunitário. Nas palavras de Baquero (2012, p. 177-178), “o empoderamento comunitário envolve um processo de capacitação de grupos ou indivíduos desfavorecidos para a articulação de interesses, buscando a conquista plena dos direitos de cidadania, defesa de seus interesses e influenciar ações do Estado”.

Antes de finalizar essa seção, gostaria ainda de destacar outro elemento muito presente nos relatos das Blogueiras Negras: o cabelo afro. Embora haja uma considerável produção sobre o corpo negro, é o cabelo que ganha destaque e passa a operar, nesse blog, como instrumento político e educativo. Assumir o cabelo crespo é condição para perceber-se como negra. Os excertos a seguir são ilustrativos:

¹² Texto escrito por Nathália Diorgenes, disponível em:

<https://marchamulheres.wordpress.com/2014/11/21/burra-e-feia-assim-falou-o-racista/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

¹³ Texto escrito por Amanda Beatriz, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/30/o-significado-politico-de-uma-boneca-negra/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

*Muita gente pode achar que quando cito “cabelos” estou falando de algo fútil e sem importância, mas não estou: estou falando de “ser”, resistência, história e identidade. Acredito que nunca usei meus cachos antes da ruptura que em breve vou contar pra vocês, só usava os cabelos lisos e o mesmo processo se arrastou para todas as mulheres negras de minha família.*¹⁴

*E assim saí da infância lutando para negar marcas genéticas, como o tipo de cabelo. Cabelo este que eu considerava ruim e difícil de manter-se domado, dominado. Afinal, os outros reproduziam e insistiam: “cabelo ruim é assim mesmo”.*¹⁵

Gomes aborda esse tema em suas pesquisas e mostra como o cabelo crespo é um “forte ícone identitário” (GOMES, 2002, p. 41). Assim como os relatos das Blogueiras, os sujeitos pesquisados pela autora narraram experiências negativas com relação ao seu cabelo, especialmente no espaço escolar. O cabelo afro historicamente sofre um estigma, sendo comumente associado ao “cabelo ruim”, aquele que não se lava e não se penteia, entre outras características pejorativas. Essa marca negativa está presente em piadas, músicas e também no imaginário de muitos afrodescendentes. É por essa razão que o cabelo se torna um instrumento político. Assim como o uso do termo negro, faz-se uma inversão de seu sentido negativo ao assumir que o cabelo crespo é parte de um posicionamento identitário de quem luta contra o estigma e o racismo de modo geral. Essa atitude não ocorre sem sofrimento e conflito, como pôde ser visto nos relatos acima e também na explanação de Gomes:

Mesmo que reconheçamos que a manipulação do cabelo seja uma técnica corporal e um comportamento social presente nas mais diversas culturas, para o negro, e mais especificamente para o negro brasileiro, esse processo não se dá sem conflitos. Estes embates podem expressar sentimentos de rejeição, aceitação, ressignificação e, até mesmo, de negação ao pertencimento étnico/racial. (GOMES, 2002, p. 44).

Aos poucos, os meios de comunicação estão se apropriando dos elementos afrobrasileiros para comporem seus trabalhos, como os programas televisivos. Algumas Blogueiras Negras já escreveram problematizando o que chamam de *ditadura dos cachos comportados*. Novamente, é preciso estarmos atentos para as essencializações, como diversos autores advertem. Como tentei mostrar nessa seção, tanto a questão do cabelo crespo, como a crítica à mestiçagem, à afirmação negra e às discussões em torno do empoderamento compõem um discurso específico da negritude. A busca de um mundo negro, presente nas

¹⁴ Texto escrito por Luma de Lima Oliveira, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/04/16/caminhos-de-resistencia-reconhecer-se-negra/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

¹⁵ Texto escrito por Shirlene Marques, disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2014/06/19/nasci-negra/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

falas dessas mulheres negras, se por um lado pode ser entendido como um importante instrumento de resistência, por outro, corre o risco de produzir o acirramento das diferenças entre brancos e negros. As palavras de Bernd (1988) sobre as fraturas do Movimento Negro durante o século XX podem ser empregadas para pensar o presente:

os brancos irão tirar partido dessa espécie de *cordão de isolamento* proposto pelos próprios negros, passando a valer-se dessa contingência para discriminar mais uma vez os negros, sob a alegação de que eles mesmo que se querem *diferentes*. Essa atitude acaba afastando cada vez mais a Negritude do propósito maior pelo qual foi criada: o de promover a igualdade entre os homens. (BERND, 1988, p. 32).

A produção de subjetividades negras contemporâneas: para finalizar

*Quebrei o protocolo e falei sobre mim e sobre uma das experiências que exemplifica a dor que enfrento há cerca de dois anos quando finalmente decidi parar de me embranquecer e me afirmar como uma mulher negra numa sociedade racista e patriarcal. Fiz isso porque acredito, com todo o calor do meu coração, que o pessoal é político.*¹⁶

Por meio da escrita, as mulheres colocam em ação o pensamento sobre sua própria conduta que, direcionada pelas verdades que as constituem, modificam a si mesmo e as demais mulheres negras, num processo que chamamos de subjetivação. Para Foucault (2014) a constituição do sujeito é um processo amplo e complexo que envolve a objetivação e a subjetivação, completando-se por meio da relação com os saberes e da relação que o indivíduo desenvolve com os outros e consigo mesmo. Entendemos as experiências vivenciadas pelas mulheres que passam a perceberem-se como negras como uma subjetivação que ocorre por meio de um processo. Ao relacionar-se com a moral, “o sujeito define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se”. (FOUCAULT, 2014, p. 36).

Embora algumas narrativas utilizem o termo “nascimento” para representar a mudança que o posicionamento como mulher negra produziu na vida destes sujeitos, entendo-a como uma subjetivação que ocorre por meio de um processo. O conjunto de mudanças ocorridas nas últimas décadas, como mencionei, tem fortalecido o espaço da negritude e produzido um conjunto de preceitos que operam como verdades que fazem os sujeitos não somente se

¹⁶ Texto escrito por Nathália Diorgenes, disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/2014/11/21/burra-e-feia-assim-falou-o-racista/>. Acesso em: 15 jun. 2015.

autodeclararem negros, como assumirem esses preceitos para si, mudando sua forma de relacionarem-se com os outros e consigo mesmo. Os elementos que as Blogueiras Negras fazem operar como um discurso da negritude, portanto, estão diretamente vinculados a produção de uma subjetividades negra.

Mesmo que haja esse risco de essencializar, a identificação com traços corporais e culturais tipicamente negros colaboram para a criação e o fortalecimento de um espaço de luta por reconhecimento social, pois há séculos mulheres negras vivenciam diversas formas de exclusão e violência. Como podemos ver, são vidas que se transformam, são mulheres que passam a olhar para suas vivências dando a ela novos significados, se arriscando por novos espaços, se autorizando a dizer coisas antes impensáveis, enfim, produzindo uma subjetividade, que mesmo com o risco de fixar-se em uma identidade, é poderosa e transformadora para aquele sujeito.

Este texto teve o objetivo de mostrar como o Blogueiras Negras articula e faz circular um discurso específico sobre a negritude no Brasil Contemporâneo. Procurou mostrar, também, qual a emergência dos posicionamentos étnico-raciais e políticos presentes nesse blog. Embora esse espaço seja imensamente produtivo do ponto de vista analítico, os textos publicados pelas Blogueiras não dá conta de entender como se produzem as subjetividades negras contemporâneas, pois esse é um local privilegiado por alguns sujeitos específicos: mulher, afrodescendente, militante negra, feminista, com acesso à internet, com domínio da escrita, etc. Por essa razão, a proposição aqui foi pensar a negritude como um dispositivo, como algo mais abrangente que permita olhar para os modos de subjetivação que são produzidos em outros locais e por outros sujeitos, não necessariamente mulheres. Segundo Marcello (2004, p. 211), o dispositivo trata “de linhas que se bifurcam, de curvas que tangenciam regimes de saberes móveis, ligados a configurações de poder e designados a produzir modos de subjetivação específicos, mas também, e exatamente por isso, formas singulares de resistência e de fuga”.

Que outras formas de resistência existem além de um local exclusivo para mulheres autodeclaradas “pretas” como o Blogueiras Negras? Que possibilidade temos de tornar-se negro de outras formas, sem necessariamente dar as costas à tudo que lembra a história colonial, mas compreendendo-a no seu tempo? Se considero importante problematizar o discurso da negritude da forma como tem sido produzida pelas Blogueiras Negras, é justamente porque acredito nas possibilidades de uma educação das relações étnico-raciais

que possibilite conviver com o outro na sua diferença. Diferença essa que não necessariamente seja celebrada em forma de discurso da diversidade, da tolerância, da integração ou inclusão, nem do outro como deficitário, menor ou como origem de todos os males, mas que produza um espaço de negritude em que a diferença não seja um empecilho, mas uma potência para que possamos nos encaminhar para novas possibilidades de vivermos juntos, negros, brancos, e todas as demais descendências.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- BAQUERO, Rute V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.
- BERND, Zilá. *O que é Negritude*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos)
- BLOGUEIRAS NEGRAS. Informação para fazer a cabeça. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>. Acesso em: 13 abr. 2015.
- CASTEL, Robert. *A Discriminação Negativa: Cidadãos ou Autóctones?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: _____. *Michel Foucault, filósofo*. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, n. 23, p. 100-122, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 13. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 243-27.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Ditos e Escritos II*. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p. 260-281.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. *Verve*, n. 5, p. 260-277, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France. Tradução de Laura F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2014.

GADEA, Carlos A. *Negritude e pós-africanidade: crítica das relações raciais contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? *Revista Brasileira de Educação*, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. *Preconceito Racial: Modos, Temas e Tempos*. São Paulo, Cortez, 2008

GUIMARÃES, Manuel L.S. Prefácio. In: ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *História: A arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p. 15-18.

HASENBALG, Carlos A. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2005.

IPEA. *Situação social da população negra por estado*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – Brasília : IPEA, 2014.

LIMA, Ana Nery Correia. *Mulheres militantes negras: a interseccionalidade de gênero e raça na produção das identidades contemporâneas*. In: II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades. 2013.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos. *Educação e Realidade*, v. 29, n. 1, p. 199-213, jan./jun. 2014.

MELO, Glenda C. Valim de; MOITA ALVES, Luiz Paulo da. A performance narrativa de uma blogueira: “tornando-se preta em um segundo nascimento”. *Alfa*, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 541-569, 2014.

SCHWARCZ, Lilia M. *Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

WESCHENFELDER, Viviane I. *Processos de (in)visibilidade do sujeito negro: o jornal de Venâncio Aires/RS em questão*. Santa Cruz do Sul, RS: Edunisc, 2015.

WIEVIORKA, Michel. *A Diferença..* Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fenda, 2002.